

## A presença do eu nas expressões do contemporâneo: relendo Walter Benjamin

Doutoranda Daise PIMENTEL(UFES)  
daise\_pimentel@uol.com.br

### **Resumo:**

*Neste trabalho, proponho a releitura do pensamento benjaminiano sobre a experiência a partir das tentativas de síntese de algumas das minhas recentes leituras acerca do sujeito na contemporaneidade e o modo como ele se reapresenta neste cenário. Nas expressões literárias hodiernas é no “espaço biográfico”, secundando Leonor Arfuch, que se promove o encontro com o eu e com o outro daquele que escreve. Observa-se que esse processo de estetização da vida constitui-se dialeticamente porque nele se mantém a diferença entre o eu que escreve e o protagonista.*

*Esse encontro também ocorre nos outros espaços propícios à expressão das subjetividades como o espaço midiático, que por sua própria estrutura, permite a visibilidade tão desejada por grande parte dos sujeitos invisíveis nas labirínticas cidades.*

**Palavras-chave:** autorreferencialidade, autoficção, autoexposição

Nos debates sobre a chamada pós-modernidade, ou seja, o tempo de agora, torna-se imprescindível trazer à baila a concepção de modernidade de Benjamin, que antecipa o que hoje conhecemos como a condição da pós-modernidade. Uma pós-modernidade que traz no seu bojo “urgências, intensidades, sobrecarga sensorial, desorientação, a *melée* de sinais e imagens”.<sup>1</sup>

A marca da modernidade: a mudança, uma permanência da mudança. Desde o último século, a rapidez dessa transformação – que impede a observação imediata pelo homem das transformações ambientais e sociais – é o dado constante e paradoxal da cultura cibernética avançada que domina a nossa época, já século 21, já pós-modernidade. Num ritmo exageradamente veloz, imagens e informações circulam no universo digital, um universo infindável de conhecimento. O acesso gratuito a esse cardápio diversificado de conteúdos, mais a possibilidade de manifestar-se acerca de qualquer coisa nas redes sociais com o uso dos vários dispositivos existentes no mercado, certamente influem no imaginário do sujeito.

---

<sup>1</sup> SINGER, 2001, p. 117.

Escrever, narrar essa experiência do contemporâneo se faz, também, com essa velocidade e com novos recursos. Narrativas de escritores nascidos na segunda metade do século XX nutrem-se desse ritmo e elaboram outras formas de dizer o mundo. Em um dos seus textos mais famosos, “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, Walter Benjamin sinaliza que a arte espelha as mudanças sociais. Assim, na sociedade de consumo, o valor da obra de arte difere do valor que tinha no passado: de sacralizada, a arte torna-se mercadoria e, graças ao desenvolvimento técnico, pode ser reproduzida e divulgada.

Como consequência da relação com os meios tecnológicos e, principalmente, digitais, mudanças ocorrem na produção de subjetividades da mesma forma que surgem novas formas textuais. E a literatura, um veículo privilegiado para a expressão das subjetividades, tem tentado se reinventar. Dentre as modalidades da literatura contemporânea destaca-se a expressão do vivido, a ficcionalização de passagens da vida de um “eu”, que se diz autor e personagem. Não mais entendida como a autobiografia foi até recentemente, ou seja, um relato “verdadeiro” da vida de alguém em 1ª pessoa. Sabemos hoje que não há correspondência entre o que se vive e o que se narra, pois a linguagem – mesmo a literária – torna-se precária face ao admirável mundo novo.

A escrita de si como relato de experiências e transmissão de ensinamentos, através de caderneta de notas, cartas, diários etc., remonta a tempos remotos, se nos lembrarmos de Plutarco, Sêneca e St<sup>o</sup>. Agostinho, por exemplo. Diferentemente dos escritos do passado, a escrita de si, na atualidade, não traduz um desejo de compartilhar conhecimentos, de transmitir ensinamentos morais ou de se colocar mais perto de Deus, mas expressa o desejo de um sujeito de mostrar-se ao vivo, em tempo real. Esse fenômeno não se restringe à literatura. Outros meios como a TV, o cinema e a *internet*, sobretudo a *internet*, constituem-se em campo fértil para a transmissão das “experiências” de agora: impressões, desejos, fatos corriqueiros da vida de um eu que quer ser notado e, mais ainda, ser reconhecido.

A vida narrada no texto compõe-se ficcionalmente de “estratégias de auto-representação”, segundo Leonor Arfuch, que afirma: “o que se figura – ou des-figura – não tem na verdade um ‘referente’, mas sim se constroi ali, sob os olhos, nessa prodigiosa experiência intersubjetiva da leitura”<sup>2</sup>. Nesse tipo de escrita, os personagens vão sendo definidos pelas experiências narradas, pela ação. Em **Berkeley em Bellagio**, de João Gilberto Noll, o fragmentado do texto revela a tentativa de um “eu” narrar o indizível, a sua história – ou histórias → que quer contar, mas não sabe como.

Podemos pensar em Rousseau, lá no século XVIII, precursor dessa forma de escrita de si, especialmente quando diz das dificuldades que ela traz: “... mas como contar aquilo que não foi dito, nem feito, nem mesmo pensado, mas somente apreciado e sentido sem que eu possa exprimir outro objeto de minha felicidade senão o de a ter experimentado?”<sup>3</sup>

A preocupação do autor em marcar com a assinatura a sua obra ocorre de forma mais intensa a partir do Iluminismo, quando se constitui a sociedade burguesa calcada no individualismo. É a partir desse período de construção das subjetividades numa sociedade individualista, que surge a autobiografia como a entendemos hoje: texto em que se mesclam as relações entre vida e obra, entre o eu que fala e o sujeito representado. Lembremo-nos aqui mais uma vez das **Confissões**, de Rousseau. Do Iluminismo aos dias atuais a autobiografia tem sido o gênero literário mais usado no mundo capitalista. Há que se observar que para alguns estudiosos, como Paul de Man, todas as obras são autobiográficas, pois há nelas um eu-autor que organiza os fatos e estrutura a narrativa, segundo seu ponto de vista.

Na contemporaneidade, a vida nas labirínticas metrópoles torna invisível a maior parte das pessoas, o que de certa forma explica o desejo de muita gente ter sua imagem na mídia, jornais, revistas, TV ou *internet*. Benjamin, nos anos 30 do século passado, ao analisar o cinema como a arte para as massas, já detecta essa necessidade que ele considera “legítima do homem moderno” e afirma: “No que diz respeito ao cinema, os filmes de atualidades provam com clareza que todos têm a oportunidade de aparecer na tela. Cada pessoa, hoje em dia, pode reivindicar o direito de ser filmado.”<sup>4</sup>

Percebe-se o entusiasmo de Benjamin pelas novas possibilidades trazidas pelo cinema para o homem do século XX, entre elas, o surgimento de uma nova percepção da arte. Ao espectador, cuja sensibilidade passa a ser moldada pelo cinema, resta desejar fazer parte daquela história, daquele cenário, representar-se na tela. A transferência dos seus desejos para os atores, tornados ídolos, fomenta o culto às celebridades, tão em voga nos dias atuais, impulsionado por interesses puramente mercadológicos.

Esse fenômeno, o das celebridades, remete a Andy Warhol, que nos anos 60 afirmou que no futuro todos seriam famosos por 15 minutos. No século XVIII, o teólogo irlandês Berkeley<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> ARFUCH, 2009, p. 116.

<sup>3</sup> ROUSSEAU, **Les confessions**, Livre VI, p. 225 citado por DUQUE - ESTRADA, 2009, p. 18.

<sup>4</sup> BENJAMIN, 1993, p.183.

<sup>5</sup> Berkeley é uma tradicional universidade da Califórnia, um dos cenários do romance de João Gilberto Noll, **Berkeley em Bellagio**. Nele, João Gilberto Noll conta fatos ocorridos com um “ele” e um “eu” nessa universidade, onde Noll

estabeleceu que • gser é ser percebido• h, expressão da mentalidade individualista que se acentua cada vez mais, trezentos anos depois, como provam os vídeos postados nas redes sociais ou no *YouTube*. Pode-se dizer, então, que nos tempos atuais, o sujeito, parte dessa audiência global que é nocauteada incessantemente pelas redes de informação e tecnologias de comunicação, passa a se valer delas para a autoexposição. Na era da globalização microeletrônica o sujeito tem uma necessidade intrínseca de manifestar-se por telefonemas, *emails*, torpedos, mensagens nas redes sociais para dizer, de outra forma, o pensamento de Berkeley: • gEu estou aqui, agora. • h

Dentro do espírito do tempo e através de um relato de experiências aparentemente pessoais, Xavier Dolan, protagonista, roteirista e diretor do premiado filme *J'ai tué ma mère* (**Eu matei minha mãe**), uma produção franco-canadense de 2009, tece uma escrita de si através do roteiro, da câmera de vídeo, da filmadora, reapresentando-se como uma figura situada entre a verdade (confissão) e a mentira.

Mesmo falando com sua própria voz, o autor desse tipo de texto não tem compromisso com a verdade, portanto, cabe ao leitor desconfiar dessa versão da verdade do autor. Os fatos do cotidiano do autor-narrador, apresentados como reais, podem ser parcial ou totalmente falsos; as suas inquietações como indivíduo, como artista, trazidas para o texto são truques, compõem o cenário, o pano de fundo da sua *performance*.

Se nos anos 60, com Foucault e Barthes, o reino do autor foi abalado, na produção literária contemporânea o movimento do “retorno do autor” se apresenta como forte tendência, verificável em várias obras de autores brasileiros como **O falso mentiroso: memórias**, de Silviano Santiago, **Budapeste**, de Chico Buarque, **Nove noites**, de Bernardo Carvalho e **Berkeley em Bellagio**, de João Gilberto Noll, entre outras mais recentes. Todas elas põem em questão o papel do autor – e também o gênero literário autobiografia – ao fazer autoficção.

No romance de João Gilberto Noll temos a autoficção como uma *reapresentação* deste autor-ator. Num texto em que oscilam um “ele” e um “eu”, o narrador em 3ª pessoa dá lugar à voz do “eu”, já nas primeiras páginas, mas logo a retoma, e assim, sucessivamente. O autor se presentifica no texto, e se diz professor e escritor, constroi uma suposta ficção autobiográfica, trazendo a verossimilhança no plano da enunciação. A ficção se apropria da forma de autobiografia; diz respeito à relação do texto com o sujeito autoral; mescla-se o sujeito autoral com o eu ficcional.

---

realmente passou uma temporada como professor residente, assim como em Bellagio, na Itália. Esse “eu” se traveste de Berkeley, o filósofo, ao dizer: “Eu era Berkeley, o célebre filósofo sensualista que acreditava, dizem, que a subsistência das coisas dependeria da qualidade da percepção e não da feitiçaria da linguagem –, e qual percepção eu poderia ter de mim mesmo naquele vão noturno que quase me engole num repente?” (NOLL, 2003, p. 37)

Uma autoficção, uma **ficção de si**, uma “performance do autor”,<sup>6</sup> este ser performático que se apresenta com seu próprio nome.

O conceito de autoficção vem de Doubrovsky, que o elaborou a partir da concepção psicanalítica da subjetividade como produção, ou seja, a ficção que o sujeito cria para si mesmo: “a autoficção é a ficção que eu, como escritor, decidi apresentar de mim mesmo e por mim mesmo, incorporando, no sentido estrito do termo, a experiência de análise, não somente no tema, mas também na produção do texto”<sup>7</sup>. Essa reinvenção do jogo entre o sujeito empírico e o ficcional, marcante na literatura do presente, tem direcionado a reformulação dos estudos de textos em 1ª pessoa.

Para Ana Cláudia Viegas, a discussão dos relatos em 1ª. pessoa no processo de constituição da subjetividade contemporânea se estende àqueles postados em *blogs*, “expressão [mais] imediata do vivido, do autêntico, do testemunhal”<sup>8</sup>. Numa compulsão existencial, o indivíduo narcísico se expõe em fotos e fatos do seu cotidiano, em textos próprios ou de outros, revelando-se a um *voyeur* ou a muitos outros nas páginas virtuais, surtindo efeitos de veracidade e presença. O narrador blogueiro, ciente de que tanto o “real” e o “autêntico” constroem-se discursivamente, tece “narrações de vida ‘em tempo real’ [que] transformam a própria experiência de identidade em espetáculo”<sup>9</sup>, harmonizando-se com o mundo plasmado em telas.

Recorrendo a Leonor Arfuch e a seus estudos sobre o retorno do autor, Viegas acrescenta ainda que essa personagem em 1ª. pessoa traduz uma “concepção de identidade” que prova sua existência no “espaço biográfico”, expressão cunhada por Phillippe Lejeune, uma das autoridades no campo da autobiografia. Entretanto, a expressão “espaço biográfico” adquire um sentido mais amplo com Arfuch: espaço que se situa entre o público e o privado e, na sua dispersão, estratégia para traduzir a complexidade da reconfiguração da subjetividade contemporânea, exposta em livros, revistas de celebridades, *realities shows*, *talk shows*, entrevistas etc. É bom ressaltar que nessas modalidades de narrativas do eu, há “uma insistência na exposição pública da privacidade”<sup>10</sup>, como informa a estudiosa argentina.

Giorgio Agamben no ensaio “O autor como gesto”, parte da conferência de Foucault “O que é um autor?”, para discutir a pertinência da presença/ausência do autor no texto, a partir da frase repetida várias vezes pelo pensador francês: “A marca do autor está unicamente na singularidade da

---

<sup>6</sup> KLINGER, 2007, p. 19-57.

<sup>7</sup> DOUBROVSKY *apud* KLINGER, *ibid*, p. 52.

<sup>8</sup> ARFUCH, 2010, p. 37.

<sup>9</sup> VIEGAS, 2008, p. 148

<sup>10</sup> ARFUCH, 2010, p. 24.

sua ausência”.<sup>11</sup>

Agamben aponta uma contradição nesse princípio com base na frase de Beckett (“O que importa quem fala, alguém disse, o que importa quem fala”), proferida por Foucault no início da conferência, em que a identidade do autor é negada mas, ao mesmo tempo, a sua necessidade é afirmada.

Para o filósofo italiano, a construção do sujeito, do autor, da vida dos personagens resulta do embate com os dispositivos nos quais foram postos – ou se puseram – em jogo, como a escritura e a linguagem. O autor ausente-presente na obra e a subjetividade que se mostra e resiste aos dispositivos que a submetem são trazidos por Agamben para concluir que a produção de uma subjetividade se dá no encontro entre o ser vivo e a linguagem em que esse se coloca em jogo sem reservas e “exibe em um gesto a própria irreducibilidade a ela”.<sup>12</sup>

O autor como gesto em Agamben, como função em Foucault, como protagonista da sua própria história ficcionalizada, escrita ou digitalizada em livros, *blogs*, redes sociais ou exposta em outros meios é sintoma de nossa época. Ser é ser percebido, escreveu Berkeley no século XVIII, sem jamais pensar que essa sentença seria o lema da sociedade do espetáculo, secundando Guy Debord, que ainda nos anos 60 do século passado, marcou com este título a sociedade que se estabelecia como espetáculo midiático.

A discussão sobre essa exposição do sujeito e de suas experiências reais nas páginas de um livro, ou nas telas de qualquer aplicativo, ocorre muitas décadas depois dos célebres ensaios de Benjamin: “Experiência e pobreza”, de 1933, e “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de 1936. Se, para Benjamin, a crise da narrativa foi consequência da perda da comunicabilidade da experiência na modernidade, era da informação e da técnica, na contemporaneidade, atribui-se a dificuldade de comunicação entre os indivíduos à “fragmentação da subjetividade, na qual se sedimenta a experiência”.<sup>13</sup>

Já bastante distante da época de Benjamin, a vida contemporânea propicia choques audiovisuais ao sujeito com os perigos diversos que o mundo oferece, incessantemente noticiados: desastres urbanos, desastres ecológicos, guerras etc. Isolado e confuso, esse sujeito procura meios para compreender e superar os traumas diários, falando deles. A propósito desse isolamento e da sensação de ser-estar num ambiente em que não se tem mais referências ou ponto de apoio, típicos da nossa época, temos o conceito de desferencialização ou desnaturalização, desenvolvido por Hans

---

<sup>11</sup> FOUCAULT *apud* AGAMBEN, 2007, p. 55.

<sup>12</sup> *Idem*.

<sup>13</sup> VIEGAS, 2008, p. 147.

Ulrich Gumbrecht em “O corpo não-hermenêutico ou a materialidade da comunicação”.<sup>14</sup>

Fazendo a ponte entre o sujeito e o mundo, a tecnologia pode propiciar o resgate desse homem que fugiu para dentro de si mesmo. A *internet* abre muitas possibilidades tanto para a busca do outro na rede como para a disseminação e divisão de conhecimentos. Fabricantes aceitam sugestão de clientes para confecção de seus produtos assim como artistas disponibilizam seus produtos – literatura, música, pintura, filme etc., – no *cyberspace*, para que os internautas deles se apropriem, modificando-os, interferindo na sua composição.

Verifica-se no fazer artístico a ausência de compromisso com a questão da autoria, o que parece ser consequência da relativização desse conceito na Idade Digital. Tempo em que muitas obras resultam do trabalho coletivo de artistas, escritores, músicos, fotógrafos, produtores, envolvidos com a criação de obras diversas, como textos eletrônicos, filmes, músicas etc. Tempo em que todos são potencialmente artistas e autores graças ao ferramental tecnológico.

Assim, neste trabalho, proponho a releitura do pensamento benjaminiano sobre a experiência a partir das tentativas de síntese de algumas das minhas recentes leituras sobre o sujeito na contemporaneidade e o modo como ele se *reapresenta* neste cenário, em que a experiência considerada relevante é de outra ordem e a forma de expressá-la também já se figura outra. Acrescente-se que há estudos que pretendem comprovar que o homem de hoje, ambientado no espaço cibernético, pensa o mundo e tenta organizá-lo de acordo com critérios lógicos, gerados pelos suportes comunicacionais.

Nas expressões literárias hodiernas, que traduzem esses movimentos nas artes, é no espaço biográfico, “espaço comum de intelecção d[ess]as narrativas diversas”<sup>15</sup>, repetindo Leonor Arfuch, que se promove o encontro com o eu e com o outro daquele que escreve, o que também ocorre nos outros espaços propícios à expressão das subjetividades, como o espaço midiático, que, por sua própria estrutura, permite a visibilidade tão desejada.

Em busca de sua unidade imaginária sempre projetada no outro e receoso de permanecer invisível no jogo social, o artista contemporâneo – assim como o homem comum – se vale dos diversos meios para se fazer percebido, falando de si e das suas experiências. Nesse processo de espelhamento reconhece-se como sujeito da sua história. Das páginas dos livros ou das páginas virtuais ergue-se, afinal, Narciso, com modos diferentes de olhar, de ver e de pensar o mundo.

## **Referências Bibliográficas**

---

<sup>14</sup> GUMBRECHT, 1998, p. 138.

<sup>15</sup> ARFUCH, 2010, p. 37.

- AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. In: \_\_\_\_\_. **Profanações**. Trad. Silvina J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 55-64.
- ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico na (re)configuração da subjetividade contemporânea. In: \_\_\_\_\_. GALLE, Helmut et al (Org.). **Em primeira pessoa**: abordagens de uma teoria da autobiografia. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009, p. 113-121.
- \_\_\_\_\_. **O espaço biográfico**. Dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. P. 114-119. (Obras escolhidas, 1)
- \_\_\_\_\_. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 165-196. (Obras escolhidas, 1)
- \_\_\_\_\_. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 197-221. (Obras escolhidas, 1)
- BUARQUE, Chico. **Budapeste**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARVALHO, Bernardo. **Nove noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: \_\_\_\_\_. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298. (col. Ditos e Escritos; v. III)
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. O corpo não-hermenêutico ou a materialidade da comunicação. Trad. por João Cezar de Castro Rocha. In: **Corpo e forma**. Ensaio para uma crítica não-hermenêutica. Organizado por João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 137-151.
- KLINGER, Diana Irene. A escrita de si, o retorno do autor. In: \_\_\_\_\_. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 19-57.
- NOLL, João Gilberto. **Berkeley em Bellagio**. São Paulo: Francis, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. **O falso mentiroso**: memórias. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org.) **O cinema e a invenção da vida moderna**. Trad. Regina Thompson. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- TURCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Trad. Antonio A. S. Zuin [et al.] Campinas: Editora UNICAMP, 2010.



VIEGAS, Ana Cláudia. Experiência e espetáculo na escrita de si contemporânea. In: CHIARA, Ana: ROCHA, Fátima Cristina Dias (org.). **Literatura brasileira em foco: o eu e suas figurações**. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2008, p. 137-149.